

O LIVRO DISFARÇADO

Eduardo Rocha

Arquiteto urbanista, doutor PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA

Luís Guilherme A. de Andrade

Arquiteto urbanista, mestrando PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA e
membro do Laboratório Urbano

ONDE?

Praia urbana, frequentada cotidianamente por so-teropolitanos e turistas, ao lado de um importante monumento turístico da cidade.

QUANDO?

Em uma noite chuvosa.

COMO?

Sentados em dois bancos levados ao espaço público por nós, posicionamos um terceiro ao nosso lado vazio, abrimos um grande guarda-chuva e sacamos nossos blocos de notas e canetas, com os quais registramos o que nos afetava os sentidos.

O QUE?

O disfarce – substantivo elencado¹ a partir da experiência do insistir no espaço urbano.

Três cenas para narrar, pelo disfarce, o espaço vivido: O Livro, A Maconha, O Sexo.

O Livro

Há um contágio profano, um tocar que desencana e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado [...] Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, a brincar com elas. (AGAMBEN, 2007, p. 66)²

De repente, da porta estreita com escada no fundo sai um grupo de quatro rapazes, pouco depois outro grupo mais numeroso, em seguida mais e mais homens descem do segundo pavimento da-

quele edifício multifuncional, invadem a calçada e ali permanecem em rodas de conversas, como que num encontro de final de expediente entre colegas de trabalho. O aglomerado logo ganha destaque na rua de noite inusitadamente branda, acalmada pela chuva que caía. Abrigados pelo toldo, os homens eram expansivos em suas conversas e o som grave das vozes e gargalhadas alcançava longa distância. Poucos metros à direita, o único casal que jantava no restaurante suíço parara a refeição, atraídos pelo burburinho cem por cento masculino, formado no passeio.

Dentre eles, jovens rapazes eram minoria, o grande volume se dava por homens de meia-idade, bem vestidos, sapatos de sola e bico fino, blusas de botão, alguns de paletó e todos, sem exceção, portando um livro debaixo do braço direito. Nos homens, mais expansivos em suas conversas e



Autoria: Eduardo Rocha.

gestos, chegava a causar estranhamento o movimento solto e forte concentrado no lado esquerdo do corpo, enquanto o lado direito parecia adormecido sobre o livro, imóvel e rígido. Nos mais comédidos, o repouso atento do braço direito parecia conduzir todos os outros leves movimentos, como se o corpo conferisse àquele livro o seu centro de massa, largá-lo seria perder o equilíbrio.

Depois de alguns minutos ali postos, individualmente, em duplas e em trios, os sujeitos gradativamente abandonaram o grande grupo e saíram a caminhar... O livro e a postura encenada para o seu porte pareciam separar esses sujeitos dos outros transeuntes com os quais eles cruzavam na rua, atribuíam-lhes específica distinção. No contexto do grupo, aquele livro replicado em todos os

integrantes conferia certa identidade ao conjunto de senhores, enquanto disfarçava muitas peculiaridades daqueles indivíduos em coletivo.

A Maconha

Em meio às pessoas observadas por nós naquele lugar, um grupo de três rapazes que circulava constantemente por ali, chama nossa atenção... Eles passavam por nossa frente, olhavam, permaneciam em determinado lugar, ao alcance de nosso olhar, depois de um tempo, saiam dali, iam para outro ponto, também visível por nós. De onde víamos, pareciam estar à espera de algo, de alguém ou na expectativa de alguma situação específica.

Num desses pontos, onde o grupo de rapazes permanecia a nossa vista, havia uma árvore. Rapida-



Criação: Eduardo Rocha e Luís Guilherme A. de Andrade.

mente, em frações de segundo, um dos rapazes retirou das reentrâncias da árvore uma trouxa. Aquilo de longe parecia uma camiseta, mas certamente havia algo a mais, difícil de identificar num movimento tão rápido. Pouco tempo depois ele mais uma vez de modo discreto, recoloca o objeto na árvore. Durante grande parte de nossa insistência naquela calçada, eles se mantinham no entorno da árvore, como que vigilantes daquele espaço.

Mais tarde, o mais alto dos três rapazes cruza a nossa frente, nos cumprimenta com um rápido olhar e segue seu rumo. Logo em seguida ele retorna. Desta vez, vem cheirando algo escondido em sua mão direita. Ao nosso lado, caminhando lento, abre disfarçadamente – esconde as mãos, usando como barreira o seu abdome nu – o em-

bulho e, de frente pra nós, nos expõe o produto: um punhado de maconha. Realizado o rápido “anúncio” do comércio, o rapaz pára ao nosso lado e aguarda a manifestação do nosso interesse. Percebe em seguida que sua tática não havia conquistado os possíveis consumidores. Segue seu caminho e não retorna mais onde estávamos.

O Sexo

Um rapaz passa por nós. Ele nos observa como quem nos cumprimenta, fala algo muito rapidamente. Foi impossível ouvir o que foi dito, e ele já havia seguido, estava longe. Até então, tal rapaz não chamara nossa atenção. Era só mais um dentre tantos que haviam cruzado conosco naquela calçada. No entanto, um comentário inaudível por



Criação: Eduardo Rocha e Luís Guilherme A. de Andrade.

ele proferido despertara nossa atenção, mas sem perceber ao certo o dito, não compreendemos muito bem a situação ocorrida.

Já ficava tarde, havia muito menos movimento naquele lugar, cada vez menos pessoas circulavam por ali, afinal, a chuva que insistia em cair não tornava a noite na rua tão convidativa. Fazia um pouco de frio, ventava bastante e aquela sensação se intensificava. Entre nós, estávamos de certo modo isolados, cada um no seu banco, meio encapotados, tentando se proteger do vento, abrigados em nossos moletons.

Em meio àquele frio surge novamente o rapaz que outrora nos abordara. Desta vez, se aproxima de forma lenta, também de algum modo se protegendo do frio, agasalhando os braços por dentro da camiseta que vestia. Já ao nosso lado, o rapaz

diminui mais o passo, se agacha, se aproxima do ouvido de um de nós dois e diz:

– *Eu tô igual a cachorro sem dono... só esperando alguém que me leve pra casa!*

Dito a afirmativa lamentosa, ele segue mais apressado, imprime um molejo inédito até então na cintura, retorna o olhar para nós dois ali sentados e pisca levemente o olho esquerdo, confirmando, com astúcia, o disfarçado convite. ■

NOTAS

- 1 DISFARCE – (substantivo masculino) 1. Fingimento, engano, dissimulação; 2. O que serve para disfarçar; 3. O que está disfarçando. In: DICIONÁRIO Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. (v.2.0) Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- 2 AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.



Criação: Eduardo Rocha e Luís Guilherme A. de Andrade.